

**PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO: Vivências de mulheres policiais à luz da psicodinâmica do trabalho**

**ADRIANA MELO SOARES SAVI**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

**BRUNO CHAVES CORREIA-LIMA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

**TEREZA CRISTINA BATISTA DE LIMA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

**KEYSA MANUELA CUNHA DE MASCENA**

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA (UNIFOR)

Agradecimento à orgão de fomento:

Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria - Profissional (PPAC-P / UFC)

# **PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO: Vivências de mulheres policiais à luz da psicodinâmica do trabalho**

## **1 INTRODUÇÃO**

O trabalho é um fenômeno complexo, típico da natureza humana, em que as pessoas constituem suas identidades, mediante uma diversidade de organizações e contextos que as permite vivências em coletividade por meio dos relacionamentos interpessoais (Moreira; Santos, 2023; Souza, 2017). O trabalho condiciona o nível de ingresso de inserção do indivíduo na sociedade e o status que ocupa nela, além de constituir uma maneira de realização pessoal (Paiva *et al.*, 2017) e de exercer um papel relevante na construção da subjetividade humana (Anchieta *et al.*, 2011). É um meio de estabelecer relações com outrem, sendo, além de experiência subjetiva, a principal força socializadora na sociedade contemporânea (Dejours *et al.*, 1994; Marks, 2020).

Entre as diversas áreas do conhecimento que focam o trabalho como objeto de estudo científico, a presente pesquisa aborda-o sob a lente teórica interdisciplinar da Psicodinâmica do Trabalho (PDT). Moreira e Santos (2023) destacam na PDT seu ponto de partida direcionado à experiência vivida pelas pessoas a partir do trabalho, sua composição por macrodimensões teóricas representadas pelas relações socioprofissionais e pela organização e condições de trabalho. Essas condições se relacionam com cenários contextuais das dimensões de conteúdo, representadas pelas estratégias defensivas ou de enfrentamento, pela mobilização subjetiva e a carga psíquica, capazes de delinear as vivências de prazer e/ou sofrimento dos trabalhadores e que podem afetar o estado de saúde ou de adoecimento dos sujeitos (Dejours *et al.*, 1994; Mendes, 2007; Moreira; Santos, 2023).

Diversos estudos têm abordado a PDT juntamente com temáticas relacionadas à diversidade organizacional (Hirata, 2020; Mobasseri; Kahn; Ely, 2023; Souza, 2017) e a específicas atividades profissionais (Tschiedel; Monteiro, 2013; Hoffmann *et al.*, 2017; Freitas; Oliveira; Souza, 2023). Esta pesquisa aborda a PDT em um contexto que ressalta questões de gênero e questões relacionadas à profissão de policial civil. Tem-se como problema desta pesquisa: como se manifestam as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de mulheres policiais que atuam nas Delegacias de Defesa da Mulher no Estado do Ceará? Objetiva-se analisar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de mulheres policiais que atuam nas Delegacias de Defesa da Mulher no Estado do Ceará à luz da PDT.

Em contexto brasileiro, somente a partir de meados dos anos 1980, mulheres passaram a ser admitidas nas polícias civis do estado de São Paulo (Santos, 2008). A instituição de segurança pública passou a admitir mulheres não por uma demanda social, mas por motivação da própria polícia, que queria humanizar a imagem da corporação na época da redemocratização do país (Menezes *et al.*, 2021). O trabalho policial ainda possui predominância masculina, é estressante e permeado de riscos. A natureza do trabalho gera desgastes físicos e emocionais, exigindo superações diárias e implicando decisões rápidas que envolvem, em parte das vezes, a vida de pessoas (Spode; Merlo, 2006).

A análise da relação homem-trabalho sob a lente teórica da Psicodinâmica do Trabalho criada por Dejours (1994) possibilita uma compreensão contemporânea sobre a subjetividade no trabalho (Bueno; Macedo, 2012). A saúde mental dos profissionais da segurança pública é constantemente alvo de pesquisa, contudo, a maioria das publicações é relacionada à atividade operacional, envolvendo atividades externas caracterizadas principalmente pelo risco de iminente morte em confronto. Estudar os fatores que se relacionam ao prazer (gratificação e liberdade) e ao sofrimento (desgaste e insegurança) no contexto de trabalho contribui para o desempenho das funções (Bueno; Macedo, 2012; Figueiró *et al.*, 2022).

No exercício de suas atribuições, as policiais se deparam com situações não prescritas nos manuais de academia de polícia, que podem ser fator de sofrimento no trabalho (Fraga, 2006). Dados relacionados ao afastamento de policiais do trabalho em virtude de problemas de saúde mental são sigilosos, entretanto, são subnotificados em comparação com os registros nas unidades de saúde. Ocorrem afastamentos do trabalho por problemas outros, relacionados à saúde mental dos policiais, mormente nos casos de ideação suicida (Constantino, 2006).

O mapeamento de publicações sobre psicodinâmica no trabalho Moreira e Santos (2023) indicou como agenda de pesquisa a realização de estudos que abordem enquanto sujeitos trabalhadores de profissões perigosas.

Os resultados apresentados contribuirão para com os gestores da organização policial no sentido de diminuir os fatores de risco e agravamento de doença mental dos trabalhadores, colaborando para melhor lidar com a promoção da saúde mental das policiais. Além disso, o estudo servirá de base para novas pesquisas, que se propõe a investigar a psicodinâmica do trabalho da mulher policial.

## **2 PSICODINÂMICA DO TRABALHO**

A Psicodinâmica do Trabalho (PDT) surgiu na França a partir dos estudos em psicopatologia desenvolvidos por Dejours na década de 1980 (Rodrigues, 2021). Sua abordagem científica dissocia-se da psicopatologia do trabalho e estuda além das vivências de prazer e sofrimento ocupacional, pois se considera também as relações dinâmicas entre as organizações do trabalho e os processos de subjetivação dos trabalhadores (Mendes, 2007).

Trabalho é a realização de determinada tarefa, de uma atividade de engajamento que implica em gestos, saber-fazer, a mobilização da inteligência e da capacidade de refletir, pensar e inventar (Dejours, 2004). Trabalhar constitui um processo ambivalente em que, de um lado, gera coesão e emancipação, envolvimento de afetividade, emoção, senso de saúde e autorrealização, e de outro pode gerar mal-estar e desequilíbrio (Rodrigues, 2021). Marks (2020) destacou a visão de Dejours de considerar trabalho como experiência subjetiva e como principal força socializadora na sociedade contemporânea.

A PDT foi dividida em três fases. A primeira fase objetivou estudar doenças que se desenvolvem a partir do trabalho, e a segunda fase orientada às vivências de prazer e sofrimento no trabalho. Foi na terceira fase (a partir da década de 1990), compreendida como a atual, que a PDT buscou estudar os efeitos sobre os processos de subjetivação a partir da relação homem-trabalho e as patologias sócio-psíquicas relacionadas ao trabalho. Além vivências de prazer e sofrimento, há foco também sobre como os trabalhadores subjetivam essas experiências (Mendes, 2007).

A Psicodinâmica do Trabalho compreende a relação entre o psíquico do trabalhador, o trabalho e as consequências de prazer e sofrimento provocadas em sua saúde mental (Rodrigues, 2021). O mentor dessa abordagem científica, Dejours (2015) afirma que a psicodinâmica do trabalho ocupa lugar central na construção da identidade profissional e social do trabalhador e interfere na inserção social do indivíduo, constituindo o trabalho aspecto central da sociabilização contemporânea (Mendes; Vieira, 2014; Marks, 2020).

Em seu estudo, Dejours (2015) investiga por que quando expostas às mesmas condições hostis de trabalho, algumas pessoas adoecem e outras não? Como fazem os trabalhadores para resistir aos ataques ao seu funcionamento psíquico provocados pelo seu trabalho? Ao invés de se preocupar com o que está acontecendo para gerar o adoecimento, ou quais são as características das doenças relacionadas ao trabalho, Dejours (2015) pesquisa quais os recursos que essas pessoas que não adoecem desenvolvem. Para ele, o objeto de estudo passa a ser, não a loucura, mas o sofrimento no trabalho, um estado compatível com a normalidade, mas que implica numa série de mecanismos de regulação.

Assim, as pessoas que trabalham em situações adversas e não adoecem são consideradas “normais”, contudo, essa normalidade implica no desenvolvimento de estratégias para lidar com o sofrimento. Então, estar saudável e não adoecer em um ambiente de trabalho hostil não significa não sofrer, não significa não ter que lutar contra essas adversidades (Gomes; Brito, 2006). O estado de normalidade é uma construção individual de cada trabalhador e pode ser definido como um equilíbrio dinâmico e instável na luta contra o adoecimento. De um lado estão os fatores nocivos das situações de trabalho e de outro as defesas psíquicas. Esse equilíbrio é instável, pois está constantemente ameaçado pelas adversidades provenientes da organização do trabalho (Dejours, 2015).

Dejours (2015) destaca que o trabalho nunca é neutro em relação à saúde e o termo trabalho deveria figurar na própria definição de saúde. Ao definir que na psicodinâmica, o trabalho é caracterizado como fonte de prazer e sofrimento, o autor caracteriza essa dicotomia prazer-sofrimento como o sentido do trabalho, estabelecendo que o sofrimento seja intrínseco ao ser humano (Mendes, 2007). Para Dejours (2015), o processo de organização do trabalho culmina numa situação heterogênea que afeta a relação saúde-trabalho.

A relação organização do trabalho e trabalhador estudada na PDT é composta de duas categorias, são elas: a dimensão de contexto e a dimensão de conteúdo (Mendes, 2007). A dimensão de contexto compreende a organização do trabalho, condições e relações de trabalho (Aguiar; Santos, 2017). E a dimensão de conteúdo abrange a mobilização subjetiva, estratégias de defesa e carga psíquica. Cada dimensão da PDT promove a caracterização de vivências que contribuem para encontrar no contexto das atividades laborais as experiências de prazer e sofrimento, como se depreende do Quadro 1:

Quadro 1 - As Dimensões da PDT

Dimensões		Caracterização	Autores
Dimensões de Contexto	Organização do Trabalho	- Divisão de tarefas: Hierarquia - Trabalho prescrito x Trabalho real: Imprevistos no dia-a-dia do trabalho	Dejours (2004)
	Condições do Trabalho	- Físicas (ruído, temperatura, radiação) - Químicas (fumaça) - Biológicas (contaminação)	Dejours (2004)
	Relações do Trabalho	- Relações sócio profissionais (interações pessoais, intra e intergrupos e externas), laços humanos na organização do trabalho	Dejours (2004)
Dimensões de Conteúdo	Mobilização Subjetiva	- Ressignificar o sofrimento. - Inteligência prática - Reconhecimento - Espaço de discussão e cooperação	Mendes (2007)
	Sofrimento e Carga Psíquica	Sofrimento começa quando a evolução da relação qualificação-tarefa é bloqueada. - Sofrimento Criativo; - Sofrimento patogênico.	Dejours (2015)
	Estratégias Defensivas	- Individuais - Coletivas	Mendes (2007)

Fonte: elaborado pelos autores com base em Dejours (2004; 2015) e Mendes (2007).

No que se refere às Dimensões de Contexto, a organização do trabalho é definida como a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa e as relações de poder que envolvem o sistema hierárquico, as modalidades de comando e as questões de responsabilidade (Rodrigues, 2021; Mendes, 2007). A organização prescrita do trabalho corresponde às normatizações, regras e comandos, pois se trata de tudo aquilo que antecede a execução do trabalho (Mendes, 2007). Contudo, é comum haver lacunas entre o que é prescrito e o que é real, cabendo também ao sujeito descobrir caminhos eficazes diante dessa questão que pode

ocasionar sofrimento (Velásquez, 2024; Wlosko; Ros, 2019; Rivera; Velásquez, 2019). São estratégias defensivas para permanecer em um contexto de normalidade (Dejours, 2015).

A categoria relacionada às condições de trabalho trata dos elementos estruturais como condições físicas (ruído, temperatura, radiação), químicas (fumaça) e biológicas (contaminação) de trabalho (Dejours, 2015). Em muitos casos, essas condições de trabalho são determinantes para desencadear doenças e, para compreender a relação entre trabalho e saúde, é necessário basear-se na vivência do sujeito (Cardoso, 2015).

As relações sócio-profissionais se constituem em modos de gestão de trabalho, comunicação e interação profissional. Os fatores de riscos nas relações de trabalho podem ser exemplificados como: inexistência de autonomia, exclusão dos trabalhadores de tomadas de decisões, a comunicação é deficiente ou precária, bem como quando as tarefas não são definidas com clareza (Mendes, 2007). As relações sociais dos profissionais de segurança pública baseiam-se primeiro na hierarquia e no respeito às ordens superiores (Bezerra; Minayo; Constantino, 2013). São relações constituídas de elementos interacionais que expressam as relações interpessoais mediante interações hierárquicas, interações coletivas intra e intergrupos e interações externas (com usuários, consumidores ou representantes institucionais) (Augusto; Freitas; Mendes, 2014). Trabalhos intergrupais envolvendo membros da organização podem favorecer o ambiente e podem, inclusive, se configurarem como ações reparadoras de desigualdades (Mobasseri; Kahn; Ely, 2023).

No tocante às dimensões de conteúdo, compreendem categorias relacionadas a aspectos psicoafetivos. A categoria de mobilização subjetiva é o instrumento com o qual o trabalhador modifica a situação-problema e ressignifica a vivência de sofrimento. O trabalhador vivencia a situação de conflito e a transforma. O que era para ser uma experiência negativa dentro do trabalho, um sofrimento, ele converte em uma situação positiva. A forma como o trabalhador lida diante da situação é o que determina o que vai gerar sofrimento e o que vai gerar prazer ocupacional. Quando o trabalhador busca ressignificar o sofrimento por meio da inteligência afetiva, ele transforma situações de sofrimento em ocorrências de prazer no âmbito laboral. A inteligência inventiva está ligada a uma boa saúde do corpo e da mente. Na inteligência prática, o sujeito, de forma inconsciente, já consegue ser prático em resolver situações no trabalho que lhe causem sofrimento. Situações de medo e insegurança estimulam que o sujeito se reinvente e desenvolva inteligência prática (Rodrigues, 2021).

O conceito de prazer é intrínseco à percepção de valorização do trabalho frente às organizações e à sociedade (Carmo; Guimarães; Caeiro, 2016). O reconhecimento como valorização transforma seu engajamento, possibilita a construção de sua identidade pessoal e profissional e mobiliza-o num todo, é um modo de fortalecimento do trabalhador, dando lugar à realização e ao prazer do trabalho (Mendes, 2007). A partir do reconhecimento é dada uma retribuição simbólica, valorizando o esforço, a angústia e o desconforto vivenciados, dando sentido e finalidade ao sofrimento (Ganãan-Moreno, 2021).

Outro aspecto que envolve a mobilização subjetiva é o espaço de discussão. A importância da fala do trabalhador é imperiosa para compreender o prazer-sofrimento e a saúde do trabalhador. Esse espaço é compreendido como o lugar onde os trabalhadores possam expor suas ideias, demonstrar o que lhe causa sofrimento, para que encontrem saídas, com objetivo de sustar ou diminuir as dificuldades, afastando o sofrimento (Mendes, 2007).

A cooperação entre colegas de trabalho, presente inclusive na divisão do trabalho, estimula engajamento e incentiva a harmonia e o auxílio entre os trabalhadores para um ajudar o outro e minimizar a sobrecarga e o sofrimento no trabalho (Rodrigues, 2021).

Quanto à categoria sofrimento e carga psíquica, diz respeito à evolução da relação qualificação-tarefa bloqueada (Dejours, 2015). O sofrimento no trabalho aparece na medida em que o sujeito é bloqueado em suas atitudes, em virtude das dificuldades de encontradas na organização do trabalho. Contudo, o sofrimento também age como mobilizador do indivíduo

e transformador da realidade (Mendes, 2007). Para a PDT, o sofrimento pode ser criativo, patogênico ou ético. É criativo quando o sujeito consegue elaborar o sofrimento criando soluções ou estratégias de mobilização subjetiva, mediante uma flexibilidade da organização do trabalho para acolher a inventividade e a criatividade do trabalhador (Dejours, 2015). Contudo, é dificultado quando há inexistência de identificação com o trabalho e a compreensão deste como meio de subsistência (Brüning; Nascimento; Dellagnelo, 2023). O sofrimento se torna patogênico ou patológico quando não há espaço para flexibilização e criação de outras formas de trabalhar, o que conduz o sujeito ao adoecimento, quando os modos de enfrentamento são fracassados, quando as tentativas e possibilidades para transformar o sofrimento se esgotaram (Dejours, 1994). O sofrimento ético surge quando há um conflito moral entre o que o trabalhador acredita e o que ele deve fazer. Esse sofrimento ético pode desencadear um duplo movimento: o sujeito pode ser conduzido à mobilização para a ação, rumo ao sofrimento criativo ou pode ser conduzido ao movimento da tolerância e banalização das injustiças, conduzindo ao sofrimento patogênico (Dejours, 2015).

O sofrimento na experiência do real é sempre afetivo e inevitável, ocorre sob forma de fracasso, de vivências de imprevistos, de situações das quais o trabalhador não domina. É nesse momento que o trabalhador precisa saber agir e ressignificar esse sofrimento (Mendes, 2007). O trabalho policial é de risco, com alta sobrecarga devido ao baixo contingente nas delegacias, contudo, os policiais se sentem realizados quando conseguem resolver um problema, ressignificando o sofrimento (Cunha; Ghizoni, 2018). As vivências de sofrimento podem surgir por meio de vários sentimentos, medo, insatisfação, ansiedade, decepção, irritação, angústia, entre outros (Minayo; Souza; Constantino, 2008).

Para lidar com as formas estreitas e inflexíveis de organização do trabalho que não deixa espaço para mobilização e autonomia do trabalhador, o sujeito desenvolve estratégias defensivas, entendidas por Barros e Mendes (2003) como mecanismos pelos quais o trabalhador busca modificar, transformar e minimizar a percepção da realidade que o faz sofrer. As estratégias defensivas são construídas, em geral, coletivamente, em consenso pelo grupo, traduz uma série de acordos e normas tácitas, como forma de adaptação a fim de combater o sofrimento criado por pressões da organização do trabalho. Quanto às estratégias defensivas individuais, a sublimação é a mais utilizada (Pena; Remoaldo, 2019).

Pesquisas de campo têm sido realizadas investigando os prazeres e os sofrimentos no trabalho. Foram selecionadas algumas que, assim como no presente estudo, focaram em ambientes de trabalho relacionados a contextos de riscos e vulnerabilidades físicas e/ou sociais. Por exemplos: Rodrigues (2021), Mobasserri, Kahn e Ely (2023), Souza (2017), Silva e Marra (2019), Winter e Alf (2018).

Rodrigues (2021) pesquisou prazer e sofrimento no trabalho de voluntários em organizações de apoio a pessoas em tratamento de câncer infanto-juvenil. Achados indicaram que as vivências de prazer estão relacionadas à realização, ao reconhecimento, à liberdade de expressão e à valorização. As vivências de sofrimento foram o desgaste causado pela doença e pelo óbito dos pacientes e a pressão por eficiência no trabalho. Como estratégias defensivas, utilizaram-se a negação, a tentativa de não se envolver emocionalmente e o auxílio espiritual.

Mobasserri, Kahn e Ely (2023) pesquisaram a interseções entre desigualdade organizacional (no caso, a racial) e a psicodinâmica no trabalho em contexto norte americano e destacam a relevância interromper as dinâmicas que reforçam a desigualdade, construindo ambientes de contenção de variáveis. Os autores ressaltam como ação reparadora o envolvimento dos membros da organização em trabalhos intrapsíquicos e intergrupais.

Guardas civis metropolitanos, sujeitos da pesquisa de Souza (2017), destacaram como vivências de prazer o companheirismo com colegas de trabalho, a abertura para diálogos com superiores hierárquicos sobre melhorias no contexto de trabalho e a percepção de relevância em servir ao público, por vezes, em gestos além das atribuições obrigatórias do cargo, como

ajudar um doente a ter acesso a medicamentos dentro da unidade de saúde em que trabalha. Como sofrimento, indicaram a insuficiência de treinamentos, desrespeito e a falta de reconhecimento pelos demais profissionais de segurança pública (policiais), pela mídia e pela população em geral. As estratégias defensivas relatadas foram o compartilhamento, entre colegas, de dificuldades no trabalho e a busca de soluções junto aos superiores hierárquicos.

O estudo de Silva e Marra (2019) indicou que policiais militares de cidades do interior de Minas Gerais apontaram que as vivências de prazer estão associadas ao local de trabalho, sentimento de relevância social, relacionamentos interpessoais e reconhecimento profissional pelos chefes e colegas. Destacaram como sofrimento: falta de reconhecimento social, baixa remuneração, medo de lesões/morte, interferência na vida pessoal, sentimento de impotência diante de problemas sociais que não podem resolver. As estratégias de defesa mencionadas foram o conformismo, a negação, as válvulas de escape e o enfrentamento ao fator de sofrimento para resolvê-lo.

Já a pesquisa de Winter e Alf (2018) junto a policiais militares lotados no interior do estado do Rio Grande do Sul revelou que o fardamento desconfortável e o descontentamento com o quadro de funcionários são causas de sofrimento. Já os sentimentos de prazer são apontados pela autonomia no atendimento às ocorrências pelo espaço de diálogo e cooperação entre colegas policiais. Foram relatadas como estratégias de defesas para amenizar o sofrimento: a resiliência, a sublimação (canalizar impulsos para cumprir exigências legítimas da profissão, como tomar decisões e prestar socorro) e a não verbalização do sofrimento.

Além das pesquisas aplicadas mencionadas, Galanis, Fragkou e Katsoulas (2021) fizeram uma vasta revisão em publicações internacionais sobre determinantes do estresse da profissão policial e encontraram algumas variáveis significativas relacionadas ao ambiente de trabalho: sobrecarga de trabalho, lesões em serviço, ambiente de trabalho negativo, discriminações, percepção de inadequação entre salário e atribuições da profissão, interferência na vida pessoal, exposição a incidentes críticos (como lidar com vítimas de violência) e recorrência de demandas urgentes que impedem a rotina de trabalho planejado.

### **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa possui natureza qualitativa, de caráter descritivo por buscar entender em profundidade o fenômeno das experiências de prazer e sofrimento ocupacional no âmbito da psicodinâmica do trabalho das policiais.

A coleta de dados foi por meio de entrevistas cujo roteiro semiestruturado foi composto por 31 perguntas abertas (dividas em cinco blocos relacionados às dimensões da Psicodinâmica do Trabalho), além das perguntas de caracterização das respondentes. O referido roteiro foi inspirado no instrumento utilizado na pesquisa de Aguiar e Santos (2017) que investigou o construto dialético prazer/sofrimento no contexto da gestão pública.

Após contato inicial com 36 policiais, foram entrevistadas 30 mulheres integrantes da estrutura da carreira da Polícia Civil do Estado do Ceará que atuam em Delegacias de Defesa da Mulher (DDM) selecionadas por critério de acessibilidade e de adesão à pesquisa, utilizando o método *snowball*. Ressalta-se que quatro das policiais que não aceitaram participar da pesquisa justificaram sua não adesão por não se sentirem em condições mentais adequadas por estarem em tratamento médico para cuidar da saúde mental, decorrentes de problema no trabalho. Conforme organizado no Quadro 2, foram entrevistadas 15 delegadas, 10 escrivãs e cinco inspetoras, que atuam ou já atuaram em DDM.

Quadro 2 - Perfil das entrevistadas

Sujeitos	Tempo na PC/CE	Estado Civil	Filho	Área de Formação	Escolaridade	Cargo	Ocupação Concomitante
E-01	22 anos	Divorciada	2	Ed.Física Direito	Mestranda	Escrivã	Não
E-02	4 anos	Casada	2	Ciências Contábeis	Graduação	Escrivã	Não
E-03	3 meses	Casada	0	Direito	Especialização	Escrivã	Não
E-04	4 anos	Casada	0	Direito	Especialização	Escrivã	Não
E-05	8 anos	Casada	2	Direito	Especialização	Delegada	Professora
E-06	4 anos	Divorciada	1	Direito	Especialização	Delegada	Não
E-07	14 anos	Divorciada	0	Direito	Mestranda	Delegada	Professora
E-08	4 anos	Casada	0	Direito	Especialização	Delegada	Não
E-09	1 ano	Solteira	0	Direito	Graduação	Delegada	Não
E-10	14 anos	Casada	2	Direito	Graduação	Delegada	Não
E-11	4 anos	Divorciada	0	Direito	Graduação	Escrivã	Professora
E-12	14 anos	Casada	2	Direito	Mestra	Delegada	Professora
E-13	12 anos	Casada	2	Direito	Especialização	Delegada	Não
E-14	8 anos	Casada	1	Direito	Especialização	Escrivã	Não
E-15	8 anos	Solteira	0	Direito	Graduação	Inspetora	Não
E-16	8 anos	Casada	1	Direito	Graduação	Inspetora	Não
E-17	22 anos	União Estável	1	Direito	Graduação	Delegada	Não
E-18	22 anos	Casada	2	Direito	Graduação	Delegada	Não
E-19	14 anos	Casada	2	Ciências Contábeis	Graduação	Inspetora	Não
E-20	6 anos	Casada	0	Direito	Especialização	Delegada	Não
E-21	8 anos	Casada	1	Direito	Especialização	Inspetora	Não
E-22	20 anos	Casada	2	Administração Direito	Especialização	Escrivã	Não
E-23	14 anos	Casada	1	Direito	Especialização	Delegada	Não
E-24	4 anos	Solteira	0	Direito	Especialização	Escrivã	Não
E-25	4 anos	União Estável	0	Direito	Especialização	Escrivã	Não
E-26	14 anos	Casada	1	Administração	Especialização	Escrivã	Não
E-27	23 anos	Divorciada	3	Direito	Especialização	Delegada	Não
E-28	14 anos	Casada	2	Direito	Especialização	Delegada	Não
E-29	13 anos	Casada	1	Direito	Especialização	Delegada	Não
E-30	10 anos	União Estável	1	Letras Direito	Mestranda	Inspetora	Professora

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Na análise dos dados coletados optou-se pela técnica da Análise dos Núcleos dos Sentidos (ANS), utilizada por Mendes (2007), adaptada da análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (1977). Os sujeitos desta investigação são mulheres policiais que trabalham nas delegacias especializadas em atendimento à mulher do Estado do Ceará e foram divididas as delegacias em chefes (delegadas) e subordinadas (inspetoras e escrivãs).



## 4 RESULTADOS

As policiais civis pesquisadas relataram muitas experiências de prazer, sofrimento no trabalho e estratégias defensivas características das dimensões sistematizadas na Psicodinâmica do Trabalho.

Com relação à Motivação no trabalho e identidade policial as entrevistadas responderam com entusiasmo. As entrevistadas E-02, E-03, E-04, E-07, E-08, E-10, E-12, E-13, E-18, E-22 e E-29 relataram que tornar-se policial era um sonho de infância. Afirmaram que sempre se viam alcançando esse objetivo e que se identificavam com a atividade policial e com o propósito da instituição.

Sempre foi uma idealização minha na infância. E, na fase adulta, fui em busca da estabilidade profissional (E-02).

Após ter iniciado trabalho de atendimento jurídico a mulheres em situação de violência, aproximei-me da rotina dos procedimentos policiais e conheci policiais civis que me inspiraram bastante. Eu já havia me identificado completamente com a causa do combate à violência contra mulher, em especial com medidas de proteção à mulher e investigação de crimes de violência doméstica. Com certeza [esses trabalhos] foram determinantes para a minha escolha em seguir a carreira policial (E-10).

Minha família é praticamente toda composta por policiais, meu pai, meu irmão, meu tio, então, eu tinha essa veia de policial, digamos assim. Então, quando eu cursei direito eu já sabia que queria ser policial. (E-29).

Algumas entrevistadas (E-01, E-05, E-06, E-09, E-11, E-17, E-24 e E-30) afirmaram que a primeira motivação foi alcançar estabilidade de um serviço público, mas a identificação com a área policial foi fator determinante para que permanecessem na atividade.

Outras entrevistadas destacaram a relevância do papel social como motivação principal. Destacaram que, muitas vezes, suas ações vão além das atribuições convencionais, reportando que a escuta que realizam com as vítimas ultrapassam o âmbito criminal. Exemplos: “Eu sempre quis me tornar policial para ajudar o próximo. O papel social da gente é muito importante. Me sinto até uma psicóloga. Saber ouvir para ajudar é fundamental nessa profissão” (E-04); e. “Realizamos desde encaminhamento à Defensoria Pública, à casa abrigo. A mulher fica incomunicável até diminuir o risco de ser morta. Isso me deixa com a sensação de dever cumprido, ver que meu trabalho foi eficiente em proteger aquela mulher” (E-08). Tais relatos revelam que a motivação das policiais as levam, inclusive, a ações “extra papel”, ou seja, além das atribuições obrigatórias do cargo. O gesto de servir ao público além das atribuições obrigatórias também foi relatado como fator motivador por guardas civis na pesquisa realizada por Souza (2017).

Conforme a PDT, a dimensão de contexto compreende a organização, as condições e as relações do trabalho (Aguiar; Santos, 2017; Mendes, 2007). Quanto à organização do trabalho, foi percebida satisfação pela clara divisão de tarefas e responsabilidades entre os três cargos (delegadas, escrivãs e inspetoras) que atuam na delegacia. Contudo, foi relatado sofrimento pela recorrência de duas situações: sobrecarga de trabalho e imprevistos que dificultam a execução dos planejamentos. Ressalta-se que essas duas situações foram indicadas como variáveis determinantes do estresse na profissão policial, conforme achados da pesquisa de Galanis, Fragkou e Katsoulas (2021).

O Quadro 3 apresenta uma síntese das percepções predominantes das policiais entrevistadas, bem como de exemplos de seus relatos em relação às categorizações das dimensões de contexto.

Quadro 3 – Análise do Núcleo dos Sentidos das Dimensões de Contexto

Dimensões de Contexto	Caracterizações da Dimensão	Percepções Predominantes	Exemplos de menções das entrevistadas
Organização do Trabalho	Divisão de tarefas: hierarquia, poder, responsabilidades	Prazer por haver clara distribuição de tarefas por cargo, consciência dos servidores quanto às suas responsabilidades e certa liberdade de atuação.	“Cada um desempenha sua função: Delegada, Escrivãs e inspetores. Não precisam ficar explicando, cada um sabe o seu papel [...] contribuindo ao bom andamento da atividade” (E-05).
	Trabalho prescrito x Trabalho Real	Prazer pela sensação de superação e de dever cumprido, ainda que diante da sobrecarga de trabalho.  Sofrimento por sobrecarga de trabalho e recorrência de imprevistos na jornada de trabalho.	“Não há sensação melhor do que essa de dever cumprido” (E-30). “O efetivo é reduzido e isso acaba sobrecarregando a todos” (E-28). Não há rotina, às vezes a gente deixa separados uns inquiridos, achando que no outro dia vai relatar, mas chegam várias situações em que você precisa sair e resolver na hora, e o que você separou pra fazer acaba ficando pra depois (E-21).
Condições do Trabalho	Condições Físicas Químicas, Biológicas Higiene e Segurança	Prazer em perceber a estrutura física como de regular a boa.  Sofrimento por questões relacionadas à segurança devido à limitação do efetivo policial e da própria natureza do trabalho.	“A estrutura é regular. A gente cuida como pode para preservar a estrutura do prédio” (E-28). “Atualmente as instalações são boas. Tanto a estrutura física, como materiais e armamentos” (E-11). “A segurança orgânica ainda é precária, devido ao efetivo reduzido. Já ocorreu de ficar sozinha na delegacia diversas vezes. O restante do pessoal em diligência externa”. (E-01)
Relações do Trabalho	Relações sócio profissionais  Interações pessoais, intra e intergrupos e externas  Laços humanos na organização	Prazer nas relações harmoniosas e respeitadas dentro das equipes de trabalho das unidades de Delegacia de Defesa da Mulher  Sofrimento por percepções de discriminações vindas de outras unidades da Polícia Civil	“A equipe é harmoniosa, existe relação de respeito aqui dentro. Contudo, não há essa mesma harmonia com outras delegacias que não entendem nosso trabalho” (E-14). “A discriminação surge dentro da própria instituição, somos vistos como ‘menos polícia’ se trabalha na delegacia da mulher” (E-07).

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2024)

Quanto às condições do trabalho, foi percebido prazer por perceberem a estrutura física (prédios e equipamentos) como satisfatória. Porém, houve relatos de sofrimento (Quadro 3) pelo medo relacionado à segurança pessoal, seja pelo efetivo policial insuficiente ou pela própria natureza do trabalho.

As percepções relacionadas às relações de trabalho fluíram como as proposituras da organização são harmônicas e respeitadas nas relações internas de cada delegacia. As relações de cooperação entre colegas também foi destacada como fonte de prazer nas pesquisas de

Winter e Alf (2018) e de Silva e Marras (2019) junto a policiais dos estados do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, respectivamente.

Contudo, algumas falas, destoaram dessa afirmação e destacaram-se por externar certo preconceito de gênero por parte de colegas de outras delegacias. Para Menezes *et al.*, (2020), as mulheres policiais enfrentam diversas situações machistas, como desconfiança em seu trabalho, desvalorização das atividades desempenhadas e até mesmo assédio, apontamentos que corroboram os achados na pesquisa, como se pode observar, especialmente, nas falas das entrevistadas E-15, E-02 e E-05:

O preconceito com o nosso trabalho existe. Já ouvi uma mulher dizer: não sei por que existir delegacia da mulher! (...) Chefes que perseguem existe em todo lugar, e na polícia isso ocorreu comigo (E-15).

Já passei por delegacia onde não existia respeito, sai há poucos meses, pois a hierarquia era um problema, a chefia pisava apenas nas mulheres. Onde estou hoje existe respeito e cooperação em tudo (E-02).

Apesar de ter vivenciado uma situação de discriminação no meu trabalho, na mesma época me senti acolhida pelas colegas, o que chamamos de sororidade (E-05).

Para reduzir ações discriminatórias nas organizações, Mobasseri, Kahn e Ely (2023) enfatizam a importância de construir ambientes de contenção de variáveis que reforcem essa discriminação e de estímulo a ações reparadoras, tais como o envolvimento dos membros da organização em trabalhos intrapsíquicos e intergrupais.

Na categoria das dimensões de conteúdo, os temas analisados foram Mobilização Subjetiva, Sofrimento e Carga Psíquica e Estratégias Defensivas. Na dimensão mobilização subjetiva, foram mencionados aspectos relevantes de prazer relacionados à ressignificação do sofrimento, inteligência prática, reconhecimento e espaço de discussão e cooperação, conforme organizado no Quadro 4, que também apresenta relatos exemplificativos.

A ressignificação do sofrimento foi percebida quando entrevistadas afirmaram sentir-se gratificada após superar situação de dificuldade geradora de sofrimento e também quando afirmaram que passaram a ignorar comentários depreciativos de terceiros, após sentirem-se incomodadas. Tal ressignificação, conforme Rodrigues (2021), contribui para redução do sofrimento e para o aumento do prazer ocupacional, pois são determinadas pela forma como o trabalhador lida diante da situação.

A inteligência prática foi representada em diversos contextos pelas entrevistadas. Muitas estratégias foram utilizadas estratégias ante a falta de recursos materiais e humanos, como na falta de energia, usar impressora do hospital ao lado; na negativa de um mandado de prisão há tempo, mudar a estratégia de conversa com o infrator, para que ele não fuja e possa ser encontrado quando tiverem com o mandado em mãos; improvisar a troca de fralda para um bebê que teve a mãe lesionada e estava sendo atendida em uma unidade médica; utilizar-se de libras para atender um infrator surdo; simular a entrega de um prêmio a um indivíduo onde se suspeitava ser ele o infrator, mas que se passava pelo irmão. Tais situações revelam a presença de criatividade no cotidiano das policiais, fato anteriormente ressaltado na pesquisa de Spode e Merlo (2006) que afirmam que a criatividade faz parte da atividade policial.

O reconhecimento por parte da sociedade, do grupo de trabalho e, especialmente, das mulheres atendidas na DDM foi ressaltado com a principal fonte de prazer e reforçador da sensação de dever cumprido (Quadro 4), assim como afirma E-30: “Não há sensação melhor do que essa de dever cumprido, ser parabenizada por uma prisão de um infrator ou por tirar uma mulher do cárcere privado, define o que me fez escolher ser policial”. A relevante presença da subdimensão de reconhecimento também enfatizada em pesquisas anteriores

(Rodrigues, 2021; Silva; Marra, 2019; Souza, 2018; Winter; Alf, 2018) juntos a profissionais de segurança pública no Brasil.

Quadro 4 – Análise do Núcleo dos Sentidos das Dimensões de Conteúdo

Dimensões de Conteúdo	Caracterizações da Dimensão	Percepções Predominantes	Exemplos de menções das entrevistadas
Mobilização Subjetiva	Ressignificar o sofrimento.	Prazer em se sentir gratificada por superar situações difíceis no trabalho que geram sofrimento	“É um dia-a-dia que eu digo que não é fácil, porque a gente lida com uma violência muito sensível que é a violência contra a mulher. [Porém], é muito gratificante.” (E-14).
	Inteligência prática	Prazer em dar soluções pragmáticas em contextos de ausência/redução de recursos	“na falta de energia, usar impressora do hospital ao lado” (E-??). “se passar por vendedora na comunidade onde a polícia não pode entrar com efetivo reduzido para realizar uma intimação” (E-??).
	Reconhecimento	Prazer pelo reconhecimento da população e dos colegas de trabalho e da chefia.	“Sinto que meu trabalho é reconhecido pela minha chefe, minhas companheiras e principalmente pelas pessoas que são atendidas, quando saem falando bem do trabalho da DDM” (E-03).
	Espaço de Discussão e Cooperação	Prazer em perceber que há espaço com legitimidade de diálogo e cooperação nas equipes de trabalho da DDM	“Existem reuniões, feedbacks, o diálogo é aberto e a chefe valoriza nosso trabalho” (E-27). “Apesar da sobrecarga, existe cooperação” (E-16)
Sofrimento e Carga Psíquica	Sofrimento Criativo, Patológico ou Ético	Presença de Sofrimento Patológico, por sobrecarga de trabalho, sensação de impotência por limitação de soluções fora do alcance. E Sofrimento Criativo, por buscar mecanismo para saná-lo.	“Quando uma mulher é morta, sinto que todos nós falhamos” (E-29) “Tive pico de hipertensão por essa dificuldade em colocar limites entre o necessário e o possível” (E-07). “Não me sentir valorizada por colegas já me deixou triste, hoje, não faço mais questão de opiniões sobre o trabalho da nossa delegacia” (E-01)
Estratégias Defensivas	Individuais	Foram mencionadas: prática de atividade física, capacitação, psicoterapia.	“Busco praticar atividade física” (E-13) “Busco ajuda profissional, de psicóloga” (E-17).
	Coletivas	Foram mencionadas: espaço de discussão, prática de atividade física em grupo, cooperação entre colegas.	“Utilizar o espaço de discussão para demonstrar o que ocorreu, é o que me transforma, pois sei que existe empatia entre as colegas” (E.27). Praticar atividades físicas, já saímos da delegacia e vamos direto pra academia (E-20).

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2024)

Conforme apresentado no Quadro 4, existem também diversos espaços informais de discussão, como grupos de *WhatsApp*, pausa no trabalho para o café da tarde, comemoração dos aniversariantes do mês, grupos de estudos, além dos espaços formais, como reuniões

periódicas. O espaço é aberto sempre que há necessidade de decisão coletiva, de reorganizar estratégias. Foram unânimes em descrever que possuem liberdade de expressão. A cooperação foi relatada pela maioria das entrevistadas, independente do cargo que ocupam.

Quanto às situações de sofrimento no trabalho relatadas, justificam intervenções por parte da instituição policial. Foi relatado por uma escritã que o fato de não possuir em seu município uma casa abrigo ou casa de passagem para abrigar mulheres em situação de violência, já lhe causou sofrimento, esclareceu que sentiu “impotente” e “sem meios de ajudar a vítima”. Três delegadas entrevistadas afirmaram que sentem uma angústia toda vez que realizam uma prisão, seja pela prática de uma agressão, ou em decorrência de descumprimento de medidas protetivas e o acusado é solto no dia seguinte, afirmaram: “me sinto enxugando gelo”, “acho que isso enfraquece a polícia” e “me preocupo com o que aquela mulher vai pensar, ela vai pensar que não existe justiça”. Esses relatos de sofrimento pela impotência diante de situações com impossibilidade de resolução por parte do(a) policial vão ao encontro dos achados da pesquisa de Silva e Marras (2019).

A constante exposição a situações de violências, emoções dolorosas e vulnerabilidades do público atendido também foi bastante mencionada pelas policiais como gatilho de sofrimento. O estudo de Galanis, Fragkou e Katsoulas (2021) indicou que exposição a incidentes críticos (como lidar com vítimas de violência) é uma significativa variável determinante do estresse no trabalho.

Além da sensação de impotência em casos graves e a convivência com o sofrimento das vítimas, foram identificados outros fatores propensos a ocasionar adoecimento, como sobrecarga de trabalho e o risco de vida na atividade policial. Das trinta entrevistadas, duas informaram que já se afastaram por problemas de saúde mental, sendo uma desenvolvendo o trabalho em uma DDM e outra em uma delegacia comum.

Dejours (2015) descreve que o sofrimento é inerente ao trabalho e cabe ao indivíduo desenvolver estratégias para superar qualquer sofrimento. As estratégias defensivas compreendem um contexto de ações que visam superar o sofrimento no trabalho (Souza, 2017). Os relatos mais apresentados pelas entrevistadas foram: a prática de atividades físicas, a capacitação e as vivências de espaços de discussão e cooperação em grupo. Essas vivências em grupo são classificadas por Mobasserri, Kahn e Ely (2023) como relevante ação reparadora para contextos sofrimentos no ambiente de trabalho.

O acompanhamento psicológico também foi demonstrado como estratégia utilizada para superar o sofrimento. Contudo, não ressalta-se que não é uma estratégia praticada pela maioria das entrevistadas, assim como relata E-12: “Quando a gente diz aqui que não só a vítima precisa de acompanhamento, mas nós também, isso é de verdade. Precisamos mesmo, mas poucos são os que buscam ajuda (E-12).

Por fim, ressalta-se que a presença do prazer foi percebida e todas as atividades executadas pelas policiais. A presente pesquisa buscou captar das entrevistadas percepções associativas entre prazer e atividades desempenhadas. Foi apresentado a cada policial um elemento estímulo contendo com cinco atividades desenvolvidas na polícia. Foi solicitado que indicassem um sentimento que vem à mente no desempenho daquelas atividades descritas. As falas foram permeadas de sentimentos, e revelaram que as sensações de prazer encontram-se em todas as atividades. Diante da análise dos núcleos das falas, os sentimentos de prazer enumerados pelas entrevistadas foram: de satisfação, coragem, disposição e de reconhecimento.

## **CONCLUSÃO**

Esta pesquisa analisou as vivências de prazer e sofrimento no contexto do trabalho de mulheres policiais civis que atuam em delegacias da mulher à luz da Psicodinâmica do

Trabalho (PDT). Foram compreendidas também as estratégias defensivas utilizadas por elas ante o sofrimento no trabalho. Trata-se de um estudo que agrega ao campo de pesquisa da PDT por revelar percepções em um contexto que ressalta duas questões relevantes: a primeira por se tratar de uma atividade profissional perigosa e com destacada importância social; a segunda, relacionada ao gênero, ao pesquisar mulheres, em uma profissão tradicionalmente e predominantemente masculina, que trabalham para proteger outras mulheres em condição de vulnerabilidade e sofrimento.

Considerando a predominância dos relatos das policiais entrevistadas, foi possível identificar que se caracterizam como mulheres com forte identificação com a profissão que escolheram, com destacadas disposição para servir ao público e motivação pela relevância do papel social que exercem, especialmente quando recebem reconhecimento de colegas, de superiores e da sociedade em geral. Sentem prazer em contribuir com a segurança das mulheres violentadas e em dar soluções pragmáticas em contextos de ausência/redução de recursos. Relatam satisfação com a harmonia entre as colegas de trabalho e com a divisão de tarefas nas equipes.

Contudo, as policiais entrevistadas se percebem com significativo cansaço físico e mental, inclusive algumas com estresse ocupacional, devido à sobrecarga de trabalho diante do insuficiente efetivo de policiais e devido à dificuldade em cumprir rotinas planejadas frente à recorrência de imprevistos cotidianos. Mencionaram que o desgaste físico pode levar a policial a incorrer em erro, como encaminhamentos indevidos de procedimento ou até mesmo esquecimento de proceder a perguntas essenciais ao andamento da investigação. Já com relação ao trabalho externo e operacional, as entrevistadas narraram que essa sobrecarga implica em diminuição do nível de atenção, o que pode comprometer a segurança no cumprimento do trabalho, deixando-as vulneráveis, colocando em risco inclusive a segurança orgânica da equipe. Além disso, destacaram também sentir medo e tristeza. Medo de serem lesionadas ou mortas no exercício da profissão. E tristeza ao se perceberem impotentes diante de situações que não conseguem evitar violências contra as vítimas ou contenções de criminosos na prisão.

Quanto às estratégias defensivas utilizadas ante o sofrimento no trabalho, destacam-se a prática de atividades físicas, a capacitação e as vivências de espaços de discussão e cooperação em grupo. Embora também tenha sido mencionado, o acompanhamento psicológico não é procurado pela maioria das entrevistadas.

Questões relacionadas a gênero foram mencionadas pelas entrevistadas ao relatarem ouvir comentários depreciativos e preconceituosos de policiais homens de outras delegacias sugerindo menor importância ao trabalho desempenhado pela Delegacia de Defesa da Mulher. Outras policiais afirmaram que, para competir igualmente com policiais homens, já tiveram que realizar capacitação a mais para serem reconhecidas como competentes na instituição. Também foram relatadas por uma pequena parcela das entrevistadas situações constrangedoras que configuram assédio moral, não por chefes hierárquicos imediatos, mas por comandantes superiores da instituição policial que desconhecem e desvalorizam o trabalho de campo realizado por elas.

As experiências de prazer no trabalho relatadas superaram as vivências de sofrimento. Entretanto, esse sofrimento não pode ser desprezado, e merece maior atenção por parte da instituição policial.

Sugere-se a realização de futuras pesquisas que possam investigar possíveis relações entre as variáveis contextuais identificadas neste estudo variáveis inerentes aos vínculos dos indivíduos com o trabalho.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. G.; SANTOS, A. C. B. Conflitos nas relações Sociais de Trabalho no Contexto da Nova Gestão Pública à Luz da Psicodinâmica do Trabalho. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia**. p. 157-184, Edição Especial, 2017.

ANCHIETA, V. C. C.; GALINKIN, A. L.; MENDES, A. M. M.; NEIVA, E.R. Trabalho e Riscos de Adoecimento: Um Estudo entre Policiais Civis. **Psicologia Teoria e Pesquisa**. Abr-jul, v. 27, n.2, p.199-208, 2011.

AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 34-55, abr. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, P. C. R.; MENDES, A. M. B. Sofrimento Psíquico no Trabalho e Estratégias Defensivas dos Operários terceirizados da Construção Civil. **Psico-USF**, v. 8, n. 1, p. 63-70, Jan./Jun. 2003.

BEZERRA, C. M.; MINAYO, M. C. S.; CONSTANTINO, P. Estresse ocupacional em mulheres policiais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 657-666, 2013.

BRÜNING, E. O.; NASCIMENTO, M.; DELLAGNELO, E. H. L. “O trabalho é só veículo para dinheiro”: uma análise psicodinâmica em um tribunal de justiça. **Revista Grifos**, v. 32, n. 58, p. 01-29, 2023.

BUENO, M.; MACÊDO, K. B. A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras. **Ecos - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v.2. n.2. 2012.

CARMO, J. G. M.; GUIMARÃES, L. V. M.; CAEIRO, M. L. Prazer e sofrimento no trabalho: vivências de mulheres soldados da Polícia Militar. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 8, p. 1313-1357, dez. 2016.

CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L. Mulheres Policiais, Relações de Poder e Gênero na Polícia Militar de Minas Gerais. **Rev. Adm. Mackenzie**, v.11, n.3, edição especial. São Paulo, mai-jun.2010.

CARDOSO, A. C. M. O trabalho como determinante do processo saúde-doença. **Tempo Social**, v. 27, p. 73-93, 2015.

CONSTANTINO, P.. **Riscos Percebidos e Vividos por Policiais Civis Estudo Comparativo nos Municípios de Campos dos Goytacazes e do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - ENSP/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2006.

CUNHA, A. M. S.; GHIZONI, L. D. Narrativas do sofrimento do trabalho de um policial militar afastado. **Comunicação e Inovação**. v.19. n. 39, p. 132-147, 2018.

DEJOURS, C. *et al.* **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer e sofrimento e trabalho**. 1ªed. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, São Paulo, v. 14, n.3, 2004.

DEJOURS, C. **Souffrancesen France. La banalisation de l'injust**. 2015.

FIGUEIRÓ, R. A.; DIAS, A. O.; LIMA, A. I. O.; BARROS, H. C. L. Trabalho e risco de adoecimento: o caso da companhia feminina da polícia militar do Rio Grande do Norte, Brasil. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 8, p. 1-18, 2022.

FRAGA, C. K.. Peculiaridades do trabalho policial militar. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 5, n. 2, p. 1-19, 2006.

FREITAS, J. M. S.; OLIVEIRA, A. M. B.; SOUSA, J. C. Ambiência dos trabalhadores que lidam com a morte: uma investigação com Necrotomistas do Rio Grande do Norte. **Gestão & Regionalidade**, v. 39, p. 1-14, 2023.

GALANIS, P.; FRAGKOU, D.; KATSOULAS, T. A. Risk factors for stress among police officers: A systematic literature review. **Work**, v. 68, n. 4, p. 1255-1272, 2021.

GANÃÁN-MORENO, Anderson; S.E.; L.M.P.; J.J.O.; S.C.M.; Placer y Sufrimiento em el DesarrollodelTrabajo de grado: Estúdio de caso em estudantes de pregado de Medellín (Colombia). **Cultura, Educación y Sociedad**, v. 12, n. 2, junio – diciembre, 2021.

GOMES, L.; BRITO, J. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 6, n. 1, p. 49-62, 2006.

HIRATA, H. Précarisation du travail, genre et subjectivité. **Travailler**, v. 2, n. 44, p. 147-158, 2020.

HOFFMANN, C. *et al.* Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. **Estudos Avançados**, v. 31, p. 257-276, 2017.

MARKS, J. The psychodynamic analysis of work. **Modern & Contemporary France**, v. 28, n. 3, p. 291-307, 2020.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENDES, A. M.; VIEIRA, F. O. Diálogos entre a Psicodinâmica e Clínica do Trabalho e os Estudos sobre coletivos de trabalho e práticas organizacionais. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v.1, n.1, 2014.

MENEZES, R. M. *et al.* “Muito além da Capitã Marvel”: Socialização profissional de policiais federais. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 15, n. 1, p. 147-164, 2021.

MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E.R.; CONSTANTINO, P., coords. **Missão prevenir e proteger: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

MOREIRA, A. Z.; SANTOS, A. C. Psychodynamics of work: Bibliometric mapping in 53 years of publications indexed in Scopus and agenda for future studies. **Contextus: Revista Contemporânea de economia e gestão**, v. 21, n. 1, p. 2, 2023.

MOBASSERI, S.; KAHN, W. A.; ELY, R. J. Racial inequality in organizations: A systems psychodynamic perspective. **Academy of Management Review**, n. ja, v. 0, 2023.

PAIVA, L. E. B. *et al.* Percepção da influência das políticas e práticas de recursos humanos na satisfação com o trabalho. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 1, p. 55-69, 2017.

PENA, L.; REMOALDO, P. Psicodinâmica do Trabalho: um estudo sobre o prazer e o sofrimento no trabalho docente na Universidade Óscar Ribas. **Revista Saúde Soc.** São Paulo, v.28, n.4, p.147-159, 2019.

RIVERA, G. M.; VELÁSQUEZ, P. N. R. Reflections on School Violence from A Psychosocial Perspective. **Open Access J Addict & Psychol**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 2019.

RODRIGUES, L. B. **Prazer e sofrimento no trabalho voluntário: um estudo em organizações de apoio ao tratamento de portadores de câncer infante juvenil**. 2021. Dissertação (Mestrado em Administração e Controladoria), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

SANTOS, C. M. **Da Delegacia da Mulher à Lei Maria da Penha: lutas feministas e políticas públicas sobre violência contra mulheres no Brasil**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2008.

SILVA, D. H.; MARRA, A. V. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho: o caso de policiais militares de uma cidade do interior. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 6, n. 3, p. 616-646, 2019.

SPODE, Charlotte Beatriz; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos Capitães da Polícia Militar. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 19, p. 362-370, 2006.



SOUZA, R. G. **Gênero, Sofrimento e Virilidade**: Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Brasília-DF, UnB, 2017.

TSCHIEDEL, R. M.; MONTEIRO, J. K. Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 18, p. 527-535, 2013.

VELÁSQUEZ, N. R. P. Analysis of the subjective experience of suffering in the psychodynamic work clinic. **Nusantara Journal of Behavioral and Social Sciences**, v. 3, n. 1, p. 9-14, 2024.

WINTER, L. E.; ALF, A. M. A profissão do policial militar: vivências de prazer e sofrimento no trabalho. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 19, n. 3, p. 671-678, 2019.

WLOSKO, M; ROS, C. Aportes de la Psicodinámica del Trabajo al análisis de la violencia laboral: análisis del caso de enfermería. **El trabajo: entre el placer y el sufrimiento, Lanús**, Ediciones de la UNLa, p. 71-114, 2019.